

Crise e processo: quando foi que eu morri?

“Assim também vocês considerem-se mortos para o pecado, mas vivos para Deus em Cristo Jesus.”

Romanos 6.11 · NAA

Bispo Ildo Mello · Leitura prévia: Rm 6.1-14; 1Co 1.2; 6.11; Cl 3.1-14; Gl 5.16-25; Ef 6.10-18

PARA COMEÇAR

As perguntas que nos guiam

A Escritura fala da morte para o pecado ora como algo já acontecido, ora como algo a fazer todo dia. Três perguntas para desatar o nó.

1

Eu já morri para o pecado — ou ainda vou morrer?

“Vocês morreram” (Cl 3.3) e “façam morrer” (Cl 3.5) estão no mesmo capítulo. Qual é qual?

2

Se já morri, por que ainda luto?

Se o velho homem foi crucificado (Rm 6.6), de onde vêm as inclinações da carne que ainda sinto?

3

Santidade é um momento ou um caminho?

Uma experiência decisiva de rendição — ou o crescimento paciente de toda a vida? A resposta bíblica é: os dois.

O ASPECTO DECISIVO

A santificação em um ato

Há um lado da santificação que a Bíblia descreve como algo **já feito**, num ponto definido do passado. Não é só um processo lento: há também rupturas.

1 Coríntios 6.11

“Mas vocês foram lavados, foram santificados, foram justificados.” Os três verbos estão no aoristo — ação pontual, concluída. Como foram justificados em certo momento, também foram santificados.

Romanos 6

Quem está em Cristo “foi crucificado com Ele” (v.6, aoristo); o pecado “não terá domínio sobre vocês” (v.14); e passaram a obedecer “de coração” ao padrão do ensino (v.17).

Por isso Paulo pode chamar cristãos reais, com problemas reais, de “santificados em Cristo Jesus” (1Co 1.2). A santidade tem um **ponto de partida** objetivo: o que Deus fez por nós e em nós, e que a fé recebe. Há decisões, momentos, experiências de rendição em que a graça avança de modo marcante.

DUAS DATAS

Quando foi que eu morri?

Se “morremos para o pecado” (Rm 6.2), cabe perguntar: quando? A resposta tem duas datas que não competem entre si.

1 · NA CRUZ

No passado histórico, com Cristo

Eu morri quando Cristo morreu por mim. Estou identificado com Ele na sua morte: quando Ele morreu, quebrou o poder do pecado; quando ressuscitou, inaugurou a nova vida em que podemos entrar pela fé.

2 · NA MINHA EXPERIÊNCIA

Na conversão e no batismo

“Fomos sepultados com Ele na morte, por meio do batismo” (Rm 6.4); “vocês ressuscitaram com Cristo” (Cl 3.1); “já se despiram do velho homem... e se revestiram do novo” (Cl 3.9-10). O que é verdade na cruz torna-se minha por fé, no novo nascimento e nas rendições que se seguem.

Uma coisa foi feita **por** mim, na história; a outra se torna real **em** mim, pela fé. A morte de Cristo é o fato; a minha morte para o pecado é a apropriação desse fato.

O PARADOXO

O velho homem crucificado que ainda se debate

Aqui está o nó que confunde muitos: se o velho homem já foi crucificado, por que ainda incomoda? Porque um crucificado ainda leva tempo para morrer — e, enquanto isso, se debate para se soltar da cruz.

“Considerem-se mortos para o pecado, mas vivos para Deus em Cristo Jesus.”

Romanos 6.11

O verbo “considerem-se” (ou “tende-vos por”) é um chamado a **tornar-se quem você já é** em Cristo. Você está morto para o pecado e vivo para Deus — então viva assim. Quem morreu para o pecado deve seguir

despojando-se do velho homem e mortificando as obras da carne, não para **conquistar** uma posição, mas para **ocupar** a que já lhe foi dada.

É por isso que o mesmo Paulo que diz “você morreram” também ordena “façam morrer” (Cl 3.3,5). Não é contradição: é a diferença entre o veredito de Deus, já dado, e a sua execução diária na minha conduta. Wesley tratou honestamente dessa tensão nos sermões [O pecado nos crentes \(Sermão 13\)](#) e [O arrependimento dos crentes \(Sermão 14\)](#).

O ASPECTO CONTÍNUO

E, ao mesmo tempo, um processo de toda a vida

Se há rupturas, há também crescimento. A santificação não termina numa experiência; ela continua até a glória.

“Somos transformados... de glória em glória” (2Co 3.18) — a imagem de Deus vai sendo refeita aos poucos.

“Se pelo Espírito fizerem morrer os atos do corpo, viverão” (Rm 8.13) — dito a quem já morreu para o pecado (Rm 6): ter morrido não impede sentir as inclinações da carne, que precisam ir sendo **mortificadas dia após dia**.

“O Senhor os faça crescer... a fim de confirmar o coração de vocês em santidade” (1Ts 3.13) — a obra do Filho continua depois da conversão.

Ao já ressuscitado, ainda se exorta: “procurem as coisas do alto... façam morrer o que é terreno... revistam-se do amor, que é o vínculo perfeito” (Cl 3.1-14).

Crise e processo não são teorias rivais. São o mesmo caminho visto de perto e de longe: momentos em que a graça avança de modo marcante, dentro de um crescimento que não para — “nenhum nível de perfeição que não admita crescimento contínuo” ([Sermão 40](#)).

REALISMO ATÉ O FIM

A batalha continua

Convém dizer com todas as letras, para não prometermos o que a Escritura não promete: a vida santa não é um estado de descanso sem conflito. Vestimo-nos da armadura para a **batalha**, não para a folga.

“Vivam pelo Espírito, e de modo nenhum satisfarão os desejos da carne. Pois a carne deseja o que é contrário ao Espírito... eles se opõem um ao outro.”

Gálatas 5.16-17

O conflito permanece — e é justamente por isso que a exortação continua necessária: “vivam pelo Espírito”. A promessa não é a ausência de guerra, mas a **vitória** disponível a cada dia a quem anda no Espírito (Rm 8.13-14). Enquanto durar esta vida, a armadura não sai (Ef 6.10-18).

ONDE EU FICO

Nem “um só toque”, nem mero gradualismo

Reunindo os dois lados, deixo minha posição explícita.

Creio que a santificação tem **crise e processo**. Há momentos decisivos — a conversão, rendições profundas, experiências marcantes da plenitude do Espírito — em que Deus faz avançar a sua obra de modo real. E há um **crescimento diário**, com mortificação da carne e uso dos meios da graça, que não cessa deste lado da glória. Recuso, por isso, dois erros. O de quem reduz tudo a **um único toque** que resolveria de vez a luta e dispensaria a vigilância. E o de quem, temendo esse exagero, nega qualquer experiência decisiva e transforma a santidade num gradualismo sem esperança. O caminho bíblico guarda os dois: buscar de coração as rupturas que Deus quer operar, e caminhar todos os dias na graça que Ele fornece — com a armadura vestida, correndo com perseverança.

PARA CONCLUIR

Do princípio ao fim, obra da graça

Chegamos ao fim do curso. Vale recolher o fio das quatro aulas antes das perguntas finais.

A inteira santificação não é um rótulo jurídico nem um patamar impossível: é a obra do Deus Trino que liberta o coração para amar plenamente (Aula 1), firmada na Escritura que faz da santidade uma relação restaurada e um alvo real desta vida (Aula 2), realizada pela cooperação da graça e pelos meios da graça (Aula 3), e vivida entre rupturas decisivas e um crescimento de toda a vida (Aula 4). O horizonte é a igreja gloriosa, “sem mancha nem ruga... santa e irrepreensível” (Ef 5.27), quando enfim seremos como Ele, “porque assim como Ele é o veremos” (1Jo 3.2). Até lá, corramos — com esperança, não com resignação; com humildade, não com presunção.

Cartões de memorização

1CO 6.11 Em um ato (aoristo) — “Fostes lavados, santificados, justificados” — verbos no aoristo, ação pontual. A santidade tem um ponto de partida objetivo.

1CO 1.2 “Santificados em Cristo” — Paulo chama de santos cristãos reais, com problemas reais. A santidade começa no que Deus já fez, recebido pela fé.

DUAS DATAS Quando morri? — Na cruz, com Cristo, no passado histórico; e na minha experiência (conversão/batismo), quando isso se torna meu pela fé (Rm 6.4; Cl 3.1).

RM 6.11 “Considerem-se mortos” — Chamado a tornar-se quem você já é: morto para o pecado, vivo para Deus. Não conquistar a posição, mas ocupá-la.

CL 3.3,5 “Morreram” e “façam morrer” — No mesmo capítulo: o veredito de Deus já dado, e a sua execução diária na conduta. Não é contradição.

RM 8.13 Mortificar dia após dia — Dito a quem já morreu (Rm 6): ter morrido não impede sentir a carne, que vai sendo mortificada pelo Espírito, todo dia.

2Co 3.18 De glória em glória — A santificação também é processo: a imagem de Deus vai sendo refeita aos poucos, até a glória.

SERMÃO 40 Sempre há crescimento — Crise e processo não são rivais: momentos de avanço da graça dentro de um crescimento que não para.

GL 5.16-17 A batalha continua — Vestimo-nos da armadura para a batalha, não para o descanso. A promessa não é ausência de guerra, mas vitória a cada dia.

EF 5.27; 1Jo 3.2 O horizonte — A igreja gloriosa, sem mancha nem ruga; seremos como Ele. Até lá, correr com esperança e humildade.

Avaliação (com gabarito)

1. Ao dizer que a santificação tem um aspecto “em um ato”, a lição se apoia em:

Textos que descrevem apenas um crescimento lento

✓ **Verbos no aoristo em 1Co 6.11 (“fostes lavados, santificados, justificados”)** — *Correto: o aoristo indica ação pontual e concluída — um ponto de partida objetivo.*

A ideia de que o crente já não peca mais em nada

A negação de qualquer processo posterior

2. “Quando foi que eu morri para o pecado?” A lição responde:

Somente quando eu me esforçar o bastante

Só na cruz, no passado — nada muda na minha experiência

Só na conversão — a cruz não tem a ver com isso

✓ **Na cruz, com Cristo (fato histórico), e na minha experiência, pela fé (apropriação)** — *Correto: uma coisa feita POR mim; a outra tornada real EM mim.*

3. Que “vocês morreram” (Cl 3.3) e “façam morrer” (Cl 3.5) apareçam juntos mostra que:

Paulo se contradisse

A morte para o pecado é só figura de linguagem

✓ **Há o veredito de Deus (já dado) e a sua execução diária na conduta** — *Correto: tornar-se quem já se é, mortificando a carne dia após dia (Rm 8.13).*

Devemos escolher entre já ter morrido ou ainda morrer

4. Sobre “a batalha continua”, a lição afirma que a promessa bíblica é:

A ausência total de conflito nesta vida

✓ **A vitória disponível a cada dia a quem anda no Espírito** — *Correto (Rm 8.13-14): não a ausência de guerra, mas a vitória diária.*

Que o crente jamais sentirá qualquer desejo contrário ao Espírito

Que a armadura pode ser guardada depois de certa experiência

5. A posição explícita da lição sobre crise e processo é:

Só crise: um único toque resolve de vez a luta

Só processo: nega qualquer experiência decisiva

✓ **Os dois: buscar as rupturas que Deus quer operar e caminhar diariamente na graça** — *Correto: crise E processo, com a armadura vestida e correndo com perseverança.*

Nenhum dos dois importa, desde que se seja salvo

Perguntas para reflexão

Você consegue nomear “momentos” em que Deus fez sua obra avançar em você — e áreas onde a mortificação ainda é diária?

A pergunta une os dois lados da aula. Do lado da **crise**: pode haver a conversão, um período de rendição, uma cura interior, uma experiência marcante da plenitude do Espírito — vale nomeá-los e agradecer. Do lado do **processo**: quase sempre há uma área (a língua, o dinheiro, um ressentimento, um hábito) em que a carne ainda se debate e a mortificação é de cada dia (Rm 8.13). Reconhecer as duas coisas guarda do desânimo (“nada mudou”) e da presunção (“já cheguei”). Escreva um momento de graça e uma frente de batalha atual, e leve ambos a Deus.

Um irmão afirma: “tive uma experiência e agora estou totalmente santo, sem mais luta”. Como responder com mansidão?

Primeiro, alegrando-se com o que Deus fez — não se despreza uma obra real da graça. Depois, com cuidado pastoral, lembrando o que a Escritura mantém: a carne e o Espírito ainda se opõem (Gl 5.17), a armadura não sai (Ef 6.11) e o próprio Paulo, já maduro, dizia “prossigo” (Fp 3.12). Dizer-se “sem mais luta” costuma preceder uma queda (1Co 10.12). O caminho seguro é o de Wesley: valorizar as experiências decisivas e seguir vigiando, orando e mortificando a carne dia após dia — humildade e esperança juntas, sem presunção.